



Ronaldo Werneck

Há Controvérsias

Bia, Helena, Elza: Afonso na batera é coisa louca



Cataguases 2012: com Helena nos 15 anos de Bia



Rio, anos 90: Com sua mulher Helena

“Foi-se dormir eternamente meu ídolo, meu pai, meu amigo, irmão e querido *Padim*. Espero te encontrar um dia novamente, porque essa esperança é o que está me sustentando!”. Comoventes, essas palavras são de Beatriz Peixoto, a Bia, filha da Renata, por sua vez filha da Helena – a mulher que Afonsinho amou e que com ele viveu durante os últimos 30 anos. Estivemos sempre juntos nos longos anos em que eu morei no Posto 4, em Copacabana, e eles no Posto 6. Quase todos os domingos eu ia almoçar aquela comida mineira e “de casa”, que Helena fazia como ninguém; às vezes, era o Afonsinho quem assumia a cozinha, de onde saía sempre com um spaghetti carbonara que me deixa até hoje com água na boca. E, como sobremesa, um longo papo, música e amenidades a se estenderem tarde afora, de Roma a Cataguases. É quando via o amor dos dois, aquele olhar do Afonsinho para Helena: sua mais fiel companheira, esteio da vida inteira.

Encontrei-me recentemente com a Bia, que conheci menina e hoje já é uma mocinha de seus 18 anos. Afonsinho adorava Bia que adorava o Afonsinho, que poderia ter sido seu avô, mas era seu eterno “Padim”, como ela o chamava. Eu e a Bia não nos víamos desde a morte de meu amigo. Nós nos abraçamos fortemente e nada falamos,

mesmo porque as lágrimas não deixaram. Dias depois, ela me enviou este pequeno e emotivo escrito – flor singela a brotar do mais fundo de uma menina-moça: “Há amores de irmão, de amigo e até dos pais,/ mas não chegue a nenhuma conclusão,/ o amor de que vim falar vai além da sua compreensão./ Raciocínio não decifra essa cifra.// Desculpe a sinceridade, mas este caso é raridade!/ Ele não era meu pai, nem irmão, nem namorado./ Padim era como eu o chamava e ele foi o homem mais amado!/ A bateria foi seu refúgio e não adianta achar subterfúgio,// dava claramente pra ver que ele sabia onde bater./ Inspiração pra minha vida, que cura qualquer ferida,/ menos a da saudade que vai me acompanhar pela eternidade”.

“Afonso na batera é coisa louca”. A voz de Elza Soares tomou de assalto o gravador de meu carro nas últimas semanas em que andei escrevendo essas coisas sobre o Afonsinho – e ainda agora não me sai da cabeça. Ovi e ovi várias vezes “Carioca da Gema”, o maravilhoso disco que ela gravou ao vivo no Rio em 1999, com Afonsinho na bateria, Jimmy Santa Cruz no baixo e o saudoso Alberto Farah



no piano. Eu assisti a alguns belos shows desse trio, com e sem a Elza, inclusive aqui em Cataguases. Às vezes, os teclados eram comandados pelo admirável pianista Chiquinho Neto. Shows que quem viu não se esquece.

Na faixa “Quatro loucos num samba” (Cyro & Mary Monteiro), Elza homenageia o trio um a um, que com ela vira um quarteto: “Oba! O samba vai começar/ Quatro loucos fazendo miséria/ Na bossa legal sem parar/ Maestro Alberto senta logo ao piano pra começar/ O Jimmy afinando o contrabaixo pra esquentar/ Afonso na batera é coisa louca/ E grita que também está nessa boca”. E sai de baixo, minha gente, que é uma pauleira só, com direito a um “Ouviram do Ipiranga” à base de solfejos, de velozes be-bops de Elza, dialogando com o baixo de Jimmy e a bateria velocíssima de Afonsinho. Uma coisa.

Mas há também um “Antonico” de emocionar, um “Trem das Onze” que vou te contar e um “Desde que o samba é samba” *cool*, tristíssimo e bem traduzido, como bem o deveria querer Caetano Veloso: “A tristeza é senhora/ desde que o samba é samba é assim./ O samba ainda vai nascer/ o samba ainda não chegou/ o samba não vai morrer”. Sim, Afonsim, agora a tristeza é senhora. Mas o samba não vai morrer. O samba é pai do prazer. O grande prazer transformador.

Numa tarde dos anos 1990, eu ia pelo Leblon com Baden Powell, rumo ao Antonio's, quando encontramos o Afonsinho. Eles tinham tocado juntos na Europa em várias oportunidades, inclusive num show em homenagem a Vinicius de Moraes e numa série de programas para a RAI-TV, apresentados pela diva Lea Massari. Baden e Afonsinho se abraçaram efusivos e nós o convidamos para ir tomar uns "drinques finos" conosco (a famigerada mistura de tônica com guaraná, tudo diet, que eu inventara e havia "aplicado" no Baden): como nós dois, também o Baden estava, pelo menos na ocasião, longe dos tempos etílicos – a seco, etilicamente falando.



Roma/ Fiumicino, anos 70: com Baden Powell e o percussionista Mandrake

Mas Afonsinho tinha algum compromisso e nos despedimos. Já sentados no Antonio's, e em meio a generosas doses de "drinques finos", Baden me disse não saber de minha amizade com o Afonsinho – e o cobriu de elogios: "um dos melhores bateristas com quem já toquei". Vindo de quem vinha, o elogio de Baden ao Afonsinho me fez sentir aquela ponta de orgulho por meu amigo e por ser amigo de meu amigo.

Eu vi o Afonsinho pela última vez às vésperas de viajar para Brasília, alguns dias antes de sua morte. Ele estava num quarto de hospital, cheio de tubos, e dormia um sono de sobressaltos: boca entreaberta, a respiração opressa. Volta e meia, como numa carícia, Helena enxugava seu rosto – esquecendo-se de enxugar o próprio rosto, tomado pelas lágrimas. Falamos um pouco, eu e Helena, nossa conversa entrecortada pelo choro, mas não esperei que Afonsinho acordasse: ele acabara de conseguir dormir. A visão de meu amigo naquela situação não me fez nada bem, nem podia: pressenti que o fim estava próximo. Prefiro, prefiro ainda agora, guardar a imagem de algumas semanas antes de sua morte, no mesmo quarto de hospital, onde conseguimos conversar um pouco – quando ele até sorriu, dizendo que não me oferecia café porque eu iria ter



Com Lea Massari na RAI/TV

que balançar a xícara, com aqueles nossos volteados de praxe, até que esfriasse.

Essa era uma brincadeira que fazíamos desde que paramos de beber, praticamente ao mesmo tempo, há quase trinta anos. Girávamos as xícaras de café como se giram as taças de vinho. Como se, à semelhança do vinho, ao girarmos as xícaras fizéssemos desprender as partículas responsáveis pelo aroma do café. Pura curtição. É essa imagem de meu amigo sorrindo que trago comigo ainda agora. E que me leva aos tempos em que dávamos boas gargalhadas a respeito de tudo e de nada, enquanto o conduzia noite aforadentro

em meu carro – ele e sua bateria – para os shows e bailes cariocas, só pra aplaudir seus solos mágicos, fenomenais. Seus shows & solos de nunca mais.

Há cerca de um mês, no Festival de Cinema de Ouro Preto, eu e minha mulher Patrícia vimos *My name is now*, o belo filme sobre Elza Soares, realizado por minha amiga Bete Campos. Durante a exibição, lembrei-me o tempo todo da última vez em que estive com a Elza Soares. Foi há uns três anos, se tanto, num show dela no Bar Brahma em São Paulo, naquela esquina famosa da Ipiranga com a Avenida São João. Fui ao camarim cumprimentá-la, ela sentada numa cadeira – e foi sentada que fez o show,



RAI/TV, anos 70: com Mandrake e Vinicius

como vem fazendo desde que caiu do palco no Rio, em 1999, e fraturou a coluna durante um show no ATL Hall com o trio Afonso Vieira-Alberto Farah-Jimmy Santa Cruz.

Não nos víamos há muitos anos e Elza me abraçou com um sorriso, sorriso que sumiu logo de seu rosto quando perguntou pelo Afonsinho e eu lhe disse que ele estava com enfisema e sofrendo muito: “Manda um beijo pro nosso menino. Diga que vou a Cataguases visitá-lo qualquer dia desses”. Ao vê-la assim, sem poder se levantar, sua fala pareceu-me apenas um gesto de gentileza, um recado carinhoso para nosso amigo. Do jeito que estava, e que ainda está, não havia mesmo condição de ela vir a Cataguases para ver aquele *bambino* que “na batera é coisa louca”.

O filme de Bete Campos sobre a Elza prima pela emoção que extrapola de grandiosos primeiros planos, e me lembrou muito a exposição Antropologia da Face Gloriosa do meu amigo e também cineasta Arthur Omar, que vi no CCBB-Rio há alguns anos. Elza está esplendorosa no filme da Bete, e falei isso para ela quando jantamos juntos no final da noite. Bete concordou com a ilação que fiz de seu filme com a mostra de Arthur Omar, e me disse que eu tinha razão – ela também tinha adorado a Antropologia da Face Gloriosa.

Afonsinho não aparece no filme da Bete, pois as imagens foram realizadas quando ele não mais acompanhava Elza Soares. Mas no jantar, ao lado de vários amigos e cineastas mineiros – Geraldo Veloso e Anita, Paulo Augusto Gomes e Eulália –, estava também o casal de cineastas Fábio Carvalho e Isabel Lacerda. Foi quando me lembrei do filme que eles realizaram durante o show “Cantando pra não enlouquecer”, realizado pela Elza em 1998, em plena Rua Guaycurus, no Centro de Belo Horizonte, acompanhada pelo trio Afonso Vieira-Alberto Farah-Jimmy Santa Cruz. O Fábio me enviara o link do youtube ano passado, quando soube que o Afonsinho estava doente, e já nada bem. Falei com eles sobre o quanto me emocionara o filme, que acabei passando pra DVD e dando de presente ao Afonsinho.



Lembrei-me disso exato agora e resolvi rever as belas cenas, os ângulos inusitados e a perfeita sincronia imagem-som de “Elza Soares na Rua Guaycurus”, fotografado e dirigido por Fábio, com primorosa montagem de Isabel. Pra quê! Vejam vocês agora o show no link a seguir – onde a cantora é recebida pelo também saudoso compositor Fernando Brant e aplaudida por extasiados populares à beira do palco: Elza enlouquecendo a “turma do gargarejo”. Rever o filme foi uma só emoção do princípio ao fim, com direito a novas lágrimas escorrendo nos solos de Afonsinho, principalmente quando Elza o chama ao proscênio e ele a acompanha ritmando o samba num crescendo, com suas baquetas soando velozes sobre o chão do palco.

Estavam ali de novo, e afiadíssimos, os “quatro loucos no samba”, e mais uma vez ressurge o Hino Nacional (o be-bop de Elza em contraponto com o baixo de Jimmy), seguido do “Brasil” de Cazusa, e novamente Caetano, não só numa enlouquecedora levada de “Língua” (epa!) como em “Desde que o samba é samba” – agora sim, como Afonsinho tanto gostava, a bateria a todo pano na corrida marcação da voz de Elza: “Mas alguma coisa acontece/ no quando agora em mim/ Cantando eu mando a tristeza embora”. Pois é, Afonsinho, cantando a gente manda a tristeza embora.

Mas dói no quando agora em nós.

Link para o show de Elza Soares na Rua Guaycurus
<https://www.youtube.com/watch?v=UIq7oq1alY0>

